



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
MODALIDADE À DISTÂNCIA

JANIELE MORGANA PEREIRA DOS SANTOS

EDUCAÇÃO INCLUSIVA: DESAFIOS E PERSPECTIVAS PARA OS
PROFESSORES, EM UMA ESCOLA MUNICIPAL NA CIDADE DE TAPEROÁ-PB

JOÃO PESSOA – PB
2019

JANIELE MORGANA PEREIRA DOS SANTOS

**EDUCAÇÃO INCLUSIVA: DESAFIOS E PERSPECTIVAS PARA OS
PROFESSORES, EM UMA ESCOLA MUNICIPAL NA CIDADE DE TAPEROÁ-PB.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Licenciatura Plena
em Pedagogia na Modalidade a Distância, do
Centro de Educação da Universidade Federal
da Paraíba, como requisito institucional para a
obtenção do título de Licenciado em
Pedagogia.

Orientador (a): Prof. Dr. Magno Alexon
Bezerra Seabra

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S237e Santos, Janiele Morgana Pereira Dos.

EDUCAÇÃO INCLUSIVA: DESAFIOS E PERSPECTIVAS PARA OS
PROFESSORES, EM UMA ESCOLA MUNICIPAL NA CIDADE DE
TAPEROÁ-PB / Janiele Morgana Pereira Dos Santos. - João
Pessoa, 2019.

42 f.

Orientação: Magno Alexon Bezerra Seabra.
Monografia (Graduação) - UFPB/CE.

1. 1. Educação 2. Deficiência 3. Inclusão. I. Magno
Alexon Bezerra Seabra. II. Título.

UFPB/BC

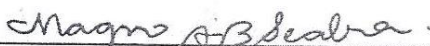
JANIELE MORGANA PEREIRA DOS SANTOS

**EDUCAÇÃO INCLUSIVA: DESAFIOS E PERSPECTIVAS PARA OS
PROFESSORES, EM UMA ESCOLA MUNICIPAL NA CIDADE DE TAPEROÁ- PB.**

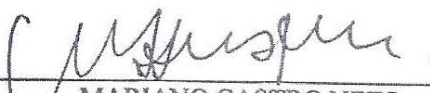
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Licenciatura Plena
em Pedagogia na Modalidade a Distância, do
Centro de Educação da Universidade Federal da
Paraíba, como requisito institucional para
obtenção do título de Licenciado em Pedagogia
Orientador (a): Prof. ° Dr. Magno Alexon
Bezerra Seabra

Aprovada em: 05/12/2019

BANCA EXAMINADORA


MAGNO ALEXON BEZERRA SEABRA
Prof. Orientador
Universidade Federal da Paraíba - UFPB


HAQUEL MYRIAM DE LIMA COSTA PALHARI
Prof. Examinadora
Universidade Federal da Paraíba - UFPB


MARIANO CASTRO NETO
Prof. Examinador
Universidade Federal da Paraíba - UFPB

**JOÃO PESSOA - PARAÍBA
2019**

Dedico tudo primeiramente a Deus, por me abençoar concedendo-me força, coragem e entendimento. Agradeço também a minha mãe, Maria José, meu orgulho, e a ela dedico todo meu esforço. Depois ao restante da minha família e de amigos, pessoas essas que me ajudaram com palavras de coragem. Meu muito obrigada!

AGRADECIMENTO

Em primeiro lugar quero agradecer a DEUS todo poderoso por tantas bênçãos em minha vida, como também nunca ter permitido a minha desistência e de conseguir chegar ao fim do curso me dando força, como também a Mãe do Céu NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO por interceder A DEUS por mim nas horas de desespero medo e insegurança.

A minha mãe MARIA JOSÉ, pela paciência pelas palavras de motivação, por acreditar em mim, quando eu mesma não acreditava, aos meus familiares por sempre estar comigo.

Aos meus amigos e em especial a IRENILDA, DÉBORA e KALLYANE vocês foram de grande valia para a minha formação, sempre tirando minhas dúvidas. Como também em especial minha prima LEANDRA, que mesmo distante me ajudou bastante.

Ao meu coordenador do Pólo de TAPEROÁ-PB, VAMBERTO TÉOFILO, grata por não medir esforços para me ajudar, tirando as dúvidas e sempre que precisei o senhor estava ali com o sorriso estampado no rosto e dizendo: “Vamos lá, tudo vai da certo.”

A minha PROFESSORA IDELSUITE DE SOUSA e o meu orientador PROFESSOR MAGNO ALEXON, obrigada pela paciência, dedicação e compreensão nas horas de dúvidas e questionamentos.

Aos professores do curso, obrigada pelos ensinamentos durante esses anos. Anos esses de muitas realizações.

A minha eterna gratidão, a cada um de vocês por me ajudar a realizar meu sonho!

“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.”

Paulo Freire

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso dispõe a temática sobre a Educação Inclusiva: Desafios e perspectivas para os professores, em uma escola Municipal na cidade de Taperoá e expõe uma pesquisa qualitativa, com a participação de professoras do Ensino Fundamental I, em uma escola da Rede Pública situada no Município de Taperoá, Cariri Paraibano no Estado da Paraíba. O objetivo do nosso aprendizado é identificar e solucionar as possíveis causas pela falta de inclusão em escolas públicas, como também, a falta de conhecimento e experiências por parte de professores, encontrando soluções satisfatórias. Destacamos o trabalho de Carvalho (2000), em torno de seu estudo feito por Silveira (et al, 2019, pg. 04), cita que "Educação para todos", "Todos na escola", "Escola para todos", resume o que todos almejam. A metodologia da nossa pesquisa denominada uma pesquisa qualitativa, com o desenvolvimento de pesquisa bibliográfica e com a participação de sujeitos por meio de perguntas com respostas. Portanto, para fundamentar foram aplicadas questões as mestras de variadas turmas, do segundo, quarto e quinto ano do Ensino fundamental I, para melhor compreender a respeito da inclusão, como trabalhar em sala de aula e aprimorar o saber a essas crianças. As professoras em seus relatos chamaram atenção para a falta de profissionais capacitados em salas de aula, como também materiais didáticos, tudo isso se desemboca numa desvalorização a essas crianças com deficiência. Concluimos que as concepções das professoras a respeito da educação inclusiva retratam a equivalência do quão precisa aperfeiçoar para melhor haver o desempenho tanto do aluno como do professor.

Palavras-chave: Educação. Deficiência. Inclusão.

ABSTRACT

This Final Paper presents the theme on Inclusive Education: Challenges and perspectives for teachers in a Municipal School in the city of Taperoá and exposes a qualitative research, with the participation of elementary school teachers in a school of Public Network located in the Municipality of Taperoá, Cariri Paraibano in the State of Paraíba. The goal of our learning is to identify and solve the possible causes for the lack of inclusion in public schools, as well as the lack of knowledge and experience by teachers, finding satisfactory solutions. We highlight the work of Carvalho (2000), around his study by Silveira (et al, 2019, p. 04), cites that "Education for all", "Everyone at school", "School for all", summarizes the that everyone wants. The methodology of our research called a qualitative research, with the development of bibliographic research and the participation of subjects through questions with answers. Therefore, to substantiate questions were applied to teachers of various classes, from the second, fourth and fifth grade of elementary school I, to better understand about inclusion, how to work in the classroom and improve the knowledge of these children. The teachers in their reports drew attention to the lack of trained professionals in the classroom, as well as teaching materials, all leading to a devaluation of these children with disabilities. We conclude that teachers' conceptions of inclusive education portray the equivalence of how much they need to improve in order to better perform both student and teacher.

Keywords: Education. Deficiency. Inclusion.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. REFERÊNCIAL TEÓRICO.....	13
2.1 Histórico da Educação Inclusiva.....	13
2.2 A Inclusão escolar direitos e pesquisas.....	14
2.3 Educação inclusiva professores.....	16
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	21
3.1 Caracterização da pesquisa.....	21
3.2 Caracterização da instituição e dos participantes da pesquisa.....	21
3.3 Instrumentos utilizados para coleta de dados.....	22
4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS.....	23
4.1 Discussão dos resultados.....	23
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
6. REFERÊNCIAS.....	37
7.APÊNDICE.....	40

1. INTRODUÇÃO

As pesquisas sobre a educação inclusiva não obtiveram respostas para tamanha ausência de informação, aceitação, entendimento e formação. Com base nisso, o trabalho presente buscou como objetivo principal analisar fatores principais, como a formação de professores, como saber lidar com a deficiência, como informar muitas vezes às famílias de tal dificuldade que a criança se encontra. Muitos diagnósticos são percebidos pela equipe pedagógica, para que atitudes sejam tomadas e é nisso que buscamos professores formados e capacitados.

A escolha desse tema surgiu através de dificuldades nas escolas, professores sem experiências para lidar com qualquer deficiência. Sendo assim, busquei me aprofundar nesse assunto, sabemos que em pleno século XXI, ainda existe preconceito no modo geral, principalmente em escolas públicas ou privadas. A desvalorização com as crianças por ter algum tipo de deficiência para ir à escola é notória, muitos pais tem receio do que possa acontecer com seu filho, querendo protegê-lo de tudo e todos acabam proibindo suas crianças, muitas vezes, de estudar, brincar ou socializar com os demais. A educação inclusiva vem quebrando barreiras e ganhando espaço. Algumas unidades escolares estão se adaptando a cada criança de acordo com suas necessidades, professores aptos a recebê-los a compreender a necessidade de cada um.

Tive experiências em salas de aulas com alunos especiais, (Síndrome de Down e Autista), presenciei isto em estágios proporcionado pelo curso; na Escola Municipal em Taperoá, como também em meu espaço de trabalho como cuidadora em sala. Chamamos a atenção sobre a questão da inclusão como um ponto de aceitação e rejeição, começando por gestores, professores, alunos e até mesmo a própria família, por não aceitar que seu filho precisa de cuidado e atenção. Pensando em um mundo melhor para essas crianças, refletindo também que várias transformações, dentro da nossa sociedade, ocorrem todos os dias, e levando em consideração que esta realidade da educação inclusiva, está presente dentro do âmbito escolar, é de suma importância trabalhar em sala de aula, a socialização, a inclusão e o respeito.

Um dos grandes desafios encontrados pelos educandos é a falta de formação que não é oferecida por cursos, como também o desinteresse político, na busca pela inclusão. Nessa concepção precisamos de um olhar fixo para essas crianças portadoras de deficiência que deve ser inserida na sala de aula, juntamente com outras crianças, aprimorando o seu desenvolvimento, cognitivo e motor.

Portanto, nessa pesquisa serão abordados temas referentes à educação inclusiva, desafios e perspectivas para os professores. Compreendemos que a aceitação é um pouco considerável, mas, buscamos por um avanço significativo, estar preparado para desafios propostos pela deficiência de cada criança. Com base nisso, para obter um bom resultado e o sucesso profissional é preciso estar preparado pra enfrentar essas situações, sendo que, a inclusão é desafiadora. Como problemática desta pesquisa, observamos que esses professores estão vivendo momentos de incertezas e dúvidas existentes em salas de aula. Dessa forma, anexamos a seguinte problemática de pesquisa: Quais são as maiores dificuldades encontradas pelos professores com relação a inclusão?

A metodologia utilizada nesse trabalho monográfico foi feita através de entrevistas com questionários selecionados aos professores, sobre a concepção de cada um referente ao tema da educação inclusiva, como eles atuam frente a essa dificuldade por meio de uma pesquisa de campo de caráter qualitativo.

A escrita e organização do nosso trabalho foram ordenadas nas seguintes sequências: No primeiro capítulo: a introdução; no segundo capítulo: a caracterização teórica sobre a educação inclusiva (histórico, direitos e a perspectivas dos professores); no terceiro capítulo: tomamos por base os procedimentos metodológicos; adiante no quarto capítulo: a análise de dados, as opiniões formadas por cada docente e, por fim, no quinto capítulo: a conclusão do nosso trabalho.

Esperamos que nossa pesquisa possa ajudar melhor na compreensão sobre a inclusão, que portas surgirá em todas as escolas sem nem tipo de exclusão e que a educação inclusiva seja visto com outros olhos, principalmente nas escolas públicas brasileiras de ensino.

2. REFERÊNCIAL TEÓRICO

2.1 Histórico da Educação Inclusiva

A educação inclusiva se desenha no século XX, enfrentando barreiras de preconceito sendo seu foco principal a beleza, como traz em seu estudo Antunes (2016) destaca em sua pesquisa as contribuições de Bianchetti (1998) para ressaltar o corpo e sua beleza.

Na antiguidade, cultivava-se o corpo perfeito. Na sociedade grega, em Esparta, por exemplo, os homens tinham dedicação praticamente exclusiva à guerra. A sociedade como um todo enfatizava a beleza física. A força e a beleza tornaram-se um dos grandes objetivos desse povo, tanto que, “se, ao nascer, a criança apresentasse qualquer manifestação que pudesse atentar contra o ideal prevalecente, era eliminada”. (BIANCHETTI apud ANTUNES et al, 2016, pg. 173).

Na idade média, àquelas crianças que nascessem com alguma deficiência eram consideradas “filhos do pecado”. Nesse período, a igreja católica influenciou muito nessa teoria. Depois de alguns anos, através do cristianismo as pessoas com deficiência passaram a ser “filhos de Deus” e, dessa forma, precisavam ser amparados por caridades.

Desde 1948 na declaração Universal dos Direitos Humanos, no artigo 1º, concedeu o direito à inclusão, sendo que, no Artigo 26 foi colocado em prática o direito igualitário à educação. Já no século XXI, em 2008, foi articulada a necessidade de professores capacitados nessa área, tendo os seus atendimentos em sala especial (Atendimento educacional Especializado) AEE.

A partir desse novo artigo, o avanço começou com a valorização e inclusão escolar das salas de (Atendimento Educacional Especializado) AEE, sendo um complemento para seu desenvolvimento, por que nessas salas de aulas sejam atendidas crianças com deficiências, mas cada atividade proporcionada vai de acordo com a sua necessidade, se diz que é um complemento, por que a escola em si não faz o papel que um professor da (Atendimento Educacional especializado) AEE irá fazer.

Muitos conflitos e transformações tiveram origem ao final do século XX, principalmente no contexto da educação especial presente no Brasil desde o período imperial, embora difundida desde o século XVIII, por Pestalozzi e Froebel, que afirmavam a importância do "respeito à individualidade de cada criança". Surgem, então, as expressões: "Educação para todos", "Todos na

escola", "Escola para todos" (CARVALHO apud SILVEIRA et al, 2019, pg. 04).

Como podemos perceber no estudo de Silveira (2019) ele cita que Carvalho (2000), afirma que desde muitos anos a propagação pela inclusão é fator de questionamento, com o avanço em leis que prioriza a aceitação. Pelo termo “Educação para todos” torna-se um termo abrangente diante da sociedade, mas na prática pouco é feito.

2.2 A Inclusão Escolar: Direitos e Pesquisas

Marinho (2018, pg. 11) aponta que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), no capítulo V, artigo 59, que trata da Educação Especial, é explícita em destinar aos alunos com Necessidades Educacionais Especiais um atendimento educacional que lhes assegure:

- currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específica;
- terminalidade específica;
- professores com especialização adequada;
- educação especial para o trabalho;
- acesso igualitário aos benefícios dos programas sociais complementares;
- ampliação do atendimento aos educandos com necessidades especiais.

Esses direitos assegurados aos alunos com necessidades especiais, muitos não são validados em escolas por falta de formação e de conhecimentos, tanto dos professores como da equipe docente, e também pela desvalorização imposta pelos governantes.

Com base no (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) IBGE o índice de deficiência é alto e com base nesses dados tem-se uma noção de como é preocupante e o quanto se faz necessário à aceitação e a inclusão destes.

Segundo o censo do IBGE de 2010, há cerca de 45 milhões de brasileiros com algum tipo de deficiência (física, auditiva, visual, intelectual ou múltipla) quase 24% da população, isso causa preocupações fazendo com que estratégias e meios sejam criados para dar apoio às famílias e também atender as necessidades destes indivíduos com deficiência. (SÁ et al, 2017, pg. 382).

Estar exposto no (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) IBGE que o índice é bastante alto e preocupante, estratégias tem que ser feitas e atribuídas a todos que se conscientizarem dando apoio a cada criança, como também à família. Hoje o portador de deficiência não precisa mais se adequar a sociedade é a sociedade que deve se adequar a eles.

São mesmo muitos “brasis” a serem mapeados, não só em termos geográficos como em seus aspectos socioeconômicos políticos e culturais, levando-nos a conviver com desigualdades inaceitáveis- como a concentração de renda, que colocou a renda média dos 20% mais ricos, em 2001, quase 27 vezes maior do que a renda dos 20% mais pobres! Em 2006, esse número passou para cerca de 20 vezes a renda dos 20% mais ricos em relação aos 20% mais pobres. Mesmo considerando-se que houve uma redução (de 27 vezes para 20 vezes), o contraste é ainda muito expressivo 4. Segundo o informativo Fala Brasil, de 20045, esses índices colocam o Brasil entre os países de alta renda e alta pobreza. Ao mesmo tempo em que está entre os 10% mais ricos, integra a metade mais pobre dos países em desenvolvimento. (CARVALHO, 2008, pgs. 26/27).

Como Carvalho fala, segundo os dados do (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) IBGE, a inclusão educacional e socioeconômica, nos leva a conviver com inaceitáveis condições de inclusão, considerando que tenhamos uma renda superior, seria mais fácil falar de uma inclusão mais aceitável em meio à sociedade. Por exemplo, os empresários, políticos, médicos e engenheiros, enfim, os membros da alta sociedade, têm condições de frequentar uma escola com profissionais mais capacitados para melhor atender os alunos com deficiência. Por outro lado, existem as dificuldades das pessoas sem condições econômicas de incluir no meio social seus filhos que portam as mesmas necessidades, por ser filho de agricultor, dona de casa, professores e analfabetos, eles não conseguem as mesmas facilidades, muitas vezes, por não saberem de seus direitos. Infelizmente esse monopólio só será quebrado, quando nossos governantes oferecerem cursos que capacitem os professores e gestores a desenvolverem múltiplos papeis, para que assim possamos atender melhor essas crianças com deficiências.

Com seus direitos assegurados a educação inclusiva, pode ter um sobressalto no Brasil, no que diz respeito a benefícios da igualdade educacional. Sobre a educação inclusiva e seus direitos assegurados, em sua análise, Silveira (2019) cita o autor Brasília (2007) em seu pensamento.

- a) As pessoas com deficiência não sejam excluídas do sistema educacional geral sob alegação de deficiência e que as crianças com deficiência não sejam excluídas do ensino primário gratuito e compulsório ou do ensino secundário, sob alegação de deficiência;
- b) As pessoas com deficiência possam ter acesso ao ensino primário inclusivo, de qualidade e gratuito, e ao ensino secundário, em igualdade de condições com as demais pessoas na comunidade em que vivem;
- c) Adaptações razoáveis de acordo com as necessidades individuais sejam providenciadas;
- d) As pessoas com deficiência recebam o apoio necessário, no âmbito do sistema educacional geral, com vistas a facilitar sua efetiva educação;

e) Medidas de apoio individualizadas e efetivas sejam adotadas em ambientes que maximizem o desenvolvimento acadêmico e social, de acordo com a meta de inclusão plena.
(BRASÍLIA apud SILVEIRA et al, 2019, pg. 08)

A vida dessas crianças se resume em direito, educação e oportunidade. Direito a educação de qualidade especializada, educação com profissionais capacitados e a oportunidade de reconhecimento.

2.3 Educação Inclusiva: Professores

Esse trabalho sobre educação inclusiva dá continuidade quando em sua análise Santos (et al 2019, pg. 06) destaca em seu estudo as contribuições de Bueno (1999) quando enfatiza sobre um ensino realmente de qualidade.

Um ensino de qualidade para crianças com necessidades especiais, na perspectiva de uma educação inclusiva, envolve pelo menos, dois tipos de formação profissional docente: professores “generalistas” do ensino regular, com um mínimo de conhecimento e prática sobre alunado diversificado; e professores “especialistas” nas diferentes “necessidades educacionais especiais”, quer seja para atendimento a essa população, quer seja para apoio ao trabalho realizado pelos profissionais de classes regulares que integrem esses alunos. (BUENO apud SANTOS et al, 2019, pg. 06).

Nas palavras de Bueno (apud SANTOS, et al, 2019), o estudo reafirma a necessidade de professores capacitados para atuar em escolas e salas de aulas, preparados para distinguir o que todas as crianças possuem em dificuldades, tornando mais fácil as atividades para serem executadas, como também lidar em situações de agressividade. É importante ter um grupo pedagógico ajudando os alunos, professores e os pais que, muitas vezes, não sabem lidar ou não sabem o diagnóstico de seus filhos.

A educação inclusiva avança em pequenos passos, tendo o direito ao seu lado, e a valorização da igualdade quebrando barreiras nas diferenças existentes. Silva (2018, pg. 17), em sua pesquisa, ressalta que o autor Camargo (2017) conceitua em seus estudos que “a Inclusão é um paradigma que se aplica aos mais variados espaços físicos e simbólicos. Os grupos de pessoas, nos contextos inclusivos, têm suas características idiossincráticas (...) tais grupos não são passivos, respondendo à sua mudança e agindo sobre ela.”.

Silva (2018) em sua observação sobre os estudos de Camargo (2017) ressalta a importância de paradigma, constituindo seus diretos e quebrando a não inclusão escolar.

Pensando em um mundo plural que vivemos a cada dia, com várias transformações dentro da nossa sociedade, e levando em consideração que esta realidade da educação inclusiva está presente dentro do âmbito escolar, é de suma importância trabalhar em sala de aula a socialização e a inclusão.

Tendo por base o estudo de Melo (2019, pg. 29), sobre a análise de Kunc (1992), de que “o princípio fundamental da educação inclusiva é a valorização da diversidade e da comunidade humana. Quando a educação inclusiva é totalmente abraçada, nós abandonamos a idéia de que as crianças devem se tornar normais para contribuir para o mundo”. Essas palavras ditas por Melo reafirmam a importância da inclusão de crianças especiais no âmbito escolar, tendo seus direitos válidos para estudar, participar e brincar com seus colegas.

Acompanha-se o avanço educacional, portas estão sendo abertas para aceitação daquelas crianças que têm deficiências. Todos precisam de algo a mais, além do acolhimento precisa de amor, respeito e atenção, são crianças que necessita de nossa ajuda para seu desenvolvimento motor, cognitivo e social. De acordo com Oliveira (2018) em sua pesquisa destaca os estudos de Fernandes (2015), que afirma.

No esforço de assegurar a formação para os profissionais da educação pública em conformidade com a legislação vigente, tornou-se necessário investir num processo formativo que considerasse a capacidade de o diretor liderar no sentido de articular a gestão democrática e as formas de superar as condições adversas, encontrando meios de conduzir a comunidade escolar na busca por soluções coletivas aos problemas vivenciados. (Fernandes apud Oliveira et al, 2018, pg. 9)

Segundo Fernandes (apud OLIVEIRA et al, 2018), em sua análise, trazemos pro debate essa questão da educação inclusiva, que é um tema complexo, tem a intenção de não querer saber a formação de todos os professores, a pergunta se refere à mesma assistência, sendo muito triste que aqui no Brasil, essa assistência não acontece e, muitas vezes, deixa os brasileiros envergonhados e decepcionados por não terem seus direitos válidos. Quando tocamos nas mesmas teclas, nos questionamos, se os docentes possuem formação ou não, muitos deles adquirem conhecimento na própria sala de aula, quando começa a conviver e ensinar crianças com deficiências, mas, acaba não levando à frente a formação e assistência.

Um dos pontos para uma boa prática pedagógica e como o autor Pimenta (apud RODRIGUES 2018, pg. 175) em seu estudo afirma que saber e conhecimento são elementos diferentes. O saber constitui-se como uma fase do desenvolvimento do conhecimento, aquele de característica flexível, emergente do contexto da ação, enquanto que “a construção do

conhecimento requer investigação e sistematização, desenvolvidas com base metódica” (AZZI apud RODRIGUES et al, 2018, pg. 175).

Completando o que Rodrigues (et al, 2018) destaca em sua análise que a base do desenvolvimento e a construção se dar pelo fato de desenvolver o que aprendeu, construir novos conhecimentos, colocando em prática a base metódica em ordem do que aprendeu, sistematicamente.

A formação do grupo pedagógico tem por base conhecer todas as crianças com deficiências e necessidades especiais e saber de suas limitações, a partir disso, trabalhar como podem ser aplicadas atividades proporcionadas a cada criança. Como exemplo de frases que abordaram aspectos gerais: “[...] é importante que o professor conheça algumas características de crianças que apresentam quadros de deficiência [...]”. (PRIOSTE apud NOZI et al, 2017, pg. 06).

Portanto, Prioste (apud NOZI et al, 2017, pg. 06) afirma que os professores em suas formações com relação à educação é uma questão que permite a concretização e informação, com o objetivo de transmitir conhecimentos a todos, principalmente, às crianças com necessidades especiais, assim suas famílias ficarão mais seguras, sabendo que seus filhos estão sendo bem assistidos pela equipe pedagógica capacitada.

Vendo em dimensões de como foi apontada a formação desse corpo docente aqui no Brasil, a capacitação de profissionais capazes de desenvolver essa educação resulta em dados escolares sobre o conhecimento adquirido, como também a aceitação em escolas.

Ao coletar os dados do censo escolar do último quadriênio quanto ao ingresso e permanência das crianças e adolescentes com deficiência na escola, observou-se que o número de matrículas de crianças com deficiência no ensino infantil, em classes comuns, obteve um crescimento expressivo de 15,1% desde o ano de 2014 até 2017 (INEP. 2014 a 2018 apud MACHADO et al, 2017, pg. 10).

Fichtner afirma:

No entanto, chamamos a atenção à proposição de Vygotsky anunciada na década de 1924, ao afirmar que “[...] a humanidade vencerá cedo ou mais tarde a cegueira, a surdez e a deficiência mental. Porém, mais cedo ela as vencerá num nível social e pedagógico do que no nível de medicina ou de biologia” (FICHTNER apud RODRIGUES et al, 2018, pg. 178).

Na opinião de Rodrigues (2018) o preconceito, muitas vezes, cega dificultando vencer as dificuldades colocadas e a não aceitação num nível social sem se destacar ao que simplesmente a medicina definiu em seu diagnóstico. A educação inclusiva é o ponto de

muitos questionamentos e um deles é a cegueira educacional por não querer estar na sala de aula com alunos “diferentes”, como muitos falam, a não aceitação no grupo pedagógico. Leis aplicadas retrogradam e favorecem a uma educação de qualidade.

Para Agapito e Ribeiro (2015), a discussão da inclusão escolar, em qualquer nível de ensino deve passar necessariamente por três eixos: a formação de professores, a atual política de Educação Especial na perspectiva inclusiva e o debate acerca da qualidade educacional. (RODRIGUES et al, 2018 pg. 173)

Como Rodrigues (2018) ressaltou a deficiência de conhecimento por parte dos profissionais, a gestão política não tem totalmente a abrangência que seria necessária na amplitude da educação e a inclusão por não ser desenvolvida e um retrocesso na vida dessas crianças.

Sage (apud MARINHO, 2018, pg. 17) relata em seu estudo que:

O primeiro passo é construir uma comunidade inclusiva que englobe o planejamento e o desenvolvimento curricular, o segundo éter uma equipe preparada para trabalhar de maneira cooperativa e compartilhar seus saberes, o terceiro passo está na criação de dispositivos de comunicação entre a comunidade e a escola, e o quarto passo seria ter mais tempo disponível para refletir sobre a prática desenvolvida.

Sage (apud MARINHO, 2018, pg. 17) relata que os quatros passos importantes para gestores e sua equipe pedagógica, ajudar no desenrolar sobre a questão da forma como é trabalhada a inclusão, planejar, compartilhar conhecimentos, praticar e deve haver a comunicação para melhor construção da educação inclusiva.

Dando continuidade Marinho (2018, pg. 17) relata que:

Sage (1999) faz uma análise entre o gestor escolar e a educação inclusiva, e reconhece que a prática dessa educação requer alterações importantes nos sistemas de ensino e nas escolas.

O gestor tem um papel fundamental na vida escolar, por que é o responsável por tudo, além do professor, é dele que parte decisões, a busca pela interação escolar das crianças com necessidades especiais a partir de exemplos dados por eles. Mas, onde acontece todo esse processo é em sala de aula, e é lá onde está o professor responsável por ajudar no entendimento de outras crianças, é, dessa forma, que podem ser aprimoradas a inclusão, através de diálogos, exemplos e prática.

Para Both e Ainscow (apud Santos et al., 2019, pg.15) os autores citam que as escolas que conseguem bons resultados caracterizam-se por:

- Terem atitudes de aceitação e valorização da diversidade por parte da comunidade educacional;
- Possuírem um projeto educacional institucional que contemple a atenção à diversidade;
- Apresentarem adequação no nível de formação dos docentes, em termos de necessidades educacionais especiais e estratégias de atendimento à diversidade;
- Terem estilo de ensino aberto e flexível, baseado em metodologias ativas e variadas, que permitam personalizar os conteúdos da aprendizagem e promovam o maior grau possível de interação e participação de todos os alunos;
- Desenvolverem uma cultura de apoio e colaboração entre pais, professores e alunos;
- Contarem com a participação ativa e o compromisso dos chefes de família;
- Disponibilizarem serviços permanentes de apoio e assessoramento, voltados para docentes, alunos e pais;
- Desenvolverem relações de colaboração e intercâmbio com outras escolas comuns da comunidade e com escolas especiais;
- Terem abertura e relação de colaboração com outros setores da comunidade.

Para Santos (2019), a educação no seu desenvolvimento pode ser caracterizada por alguns desses fatores, sendo essencial para um desempenho escolar, buscando o melhor para todos, principalmente às crianças com necessidades especiais. A formação da equipe docente, e seu desempenho, juntamente com a escola, devem estar aptos para ajudar crianças a se tornar independente.

O professor que consegue formular pensamento crítico sobre sua prática, está em constante adequação e modificação de suas ações, uma vez que está aberto a perceber que todos os alunos são diferentes e trazem conhecimentos únicos e particulares, isto molda a forma como o professor vai abordar determinados assuntos ou até mesmo que assuntos devem ser abordados em determinados momentos. (SILVA, 2019 pg.48).

Para Silva (2019), os professores que busca informação e formação, sempre estão a discutir como se dar o desempenho escolar, buscando o melhor para seus alunos, tornando um formador de opiniões e esses professores precisam estar em salas de aula, sabendo as necessidades dessas crianças, dessa forma, saber o que será feito e o material didático a ser aplicado, os assuntos a ser explorados.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 Caracterização da pesquisa

A pesquisa aqui apontada caracteriza-se por respostas dadas pelos educadores, que apresentam referências ao tema abordado. Nesse capítulo discutiremos sobre o procedimento metodológico e seu desenvolvimento em nossas pesquisas, visando alcançar respostas sobre a educação inclusiva. Reafirmando nosso tema, a educação inclusiva como desafio e perspectiva para os professores, que representa um problema atual e constante na rede pública de ensino brasileiro, como também no âmbito escolar pesquisado. Desta forma, esse trabalho monográfico, tem como base, uma pesquisa de campo de caráter qualitativo, o qual nos permite conhecer diversas opiniões sobre o referido tema.

A coleta de dados do assunto estudado teoricamente apresenta um nível de conhecimento, prática e experiência, havendo uma divergência entre as respostas, com isso torna-se fácil a compreensão que cada educador tem a respeito da educação inclusiva.

Pode-se definir pesquisa como procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos (...). Na realidade, a pesquisa desenvolve-se ao longo de um processo que envolve inúmeras fases, desde a adequada formulação do problema até a satisfatória apresentação dos resultados (GIL apud SILVA, 2018, pg. 21).

Como Gil (apud SILVA, 2018), ressalta que através de perguntas proporcionadas e referentes ao tema nos dar um olhar e uma opinião acerca de quais dificuldades enfrentadas e se há apoio contínuo. Com a pesquisa qualitativa, os entrevistados ficam livres para responderem e com a entrevista semi estruturada darem suas opiniões. Sabe-se que a pesquisa qualitativa nos mostra a veracidade do desempenho, conhecimento, estudo e prática sobre o tema.

3.2 Caracterização da instituição e dos participantes da pesquisa

A pesquisa foi aplicada na Escola Municipal Cel. Pedro de Farias em Taperoá- PB no Cariri Paraibano. A pesquisa realizada por meio de questionários foi destinada a 06 (seis) professoras sendo 02 (duas) do 2º Ano (segundo ano); 02 (duas) do 3º Ano (terceiro ano), 02 (duas) do 4º e 5º Ano (quarto e quinto ano). Em cada sala há entre 20 (vinte) e 30 (trinta) alunos presentes.

A escolha pelo local de pesquisa veio através de observações e convivências diárias, e por ser uma das escolas com maior demanda de estudantes da cidade e com casos de alunos com necessidades especiais.

Os entrevistados foram escolhidos com base na disponibilidade e experiências vivenciadas no campo da inclusão escolar.

3.3 Instrumentos utilizados para coleta de dados

O instrumento da pesquisa foi por meio de um questionário, aplicado em salas diferentes, tendo a participação de professores que já teve, tem, ou não tiveram experiências com alunos especiais, sendo de grande importância o entendimento a respeito da inclusão.

A coleta de dados foi formulada com 10 (dez) perguntas abertas, referente ao tema da educação inclusiva. Tendo seu anonimato garantido, os professores puderam responder a forma como era a educação inclusiva para eles. A entrega dos questionários foi no período de 05 (cinco) dias sendo uma semana, podendo responder com calma, e entregando no prazo combinado.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS

Neste capítulo faz-se necessário alguma explicação a respeito da inclusão do aluno com necessidades especiais na perspectiva e desafio do âmbito escolar, tendo o ponto de vista de cada professora chegamos à conclusão do que foi buscado em todas as perguntas e respostas. A primeira parte buscou analisar a respeito da forma qualitativa e a compreensão sobre a inclusão. Na segunda parte procurou saber como tem sido trabalhada a inclusão na sala de aula. Na terceira parte se já teve, tem ou tiveram experiências com alunos com necessidades especiais. Na quarta parte se questionou se possui curso especializado em educação inclusiva ou apenas no curso superior. A quinta parte indagou sobre o curso superior se houve suporte, ou seja, ajuda para trabalhar com crianças com necessidades especiais. A sexta parte se questionou se é necessário que docentes receba apoio escolar. Na sétima parte a participação dos familiares no desenvolvimento dessas crianças. Adiante na oitava parte se investiga se a escola está preparada para receber crianças com necessidades especiais. Na nona parte, a importância em falar sobre a não aceitação dessas crianças, se está relacionada com o preconceito vindo de seus familiares. Por último, a décima parte procurou apresentar as dificuldades enfrentadas pelos lecionados sobre a educação inclusiva.

Através das respostas adquiridas pelas professoras tivemos por base o conceito sobre o significado da palavra inclusão. Algumas educadoras externam que a culpa de não ter totalmente a inclusão aceita em escolas é o reflexo de um mau governo que não se importa com essas crianças, não busca priorizar cursos que busque a formação qualificada para ajudar no desenvolvimento cognitivo das crianças.

4.1 Discussão dos resultados

Na análise do estudo número um – **Q1: Como o professor (a) compreende a inclusão?**

Respostas:

(Profª. 1)

“A educação inclusiva deve ser adaptada ao planejamento, saber valorizar as diferenças, buscando entender as necessidades educativas de todos os alunos em sala de aula, de forma a aprendizagem e o desenvolvimento de todos.”

(Profª. 2)

“Como professora compreendo o processo de inclusão como um desafio tendo em vista que é necessário construirmos novas propostas de ensino.”

(Profª. 3)

“Compreender inclusão é respeitar as diferenças e particularidades de cada indivíduo.”

(Profª.4)

“Como um momento distante de acontecer, pois a inclusão que coloca alunos diferentes em salas regulares, o que é necessário, infelizmente na maioria das vezes exclui em alguns momentos, os normais.”

(Profª. 5)

“A inclusão é a garantia a acessibilidade para alunos com deficiência em sala de aula de modo igualitário.”

(Profª. 6)

“Como um termo de grande relevância e importância no contexto social atual, pois a mesma deve fazer parte e/ ou ser tratada como algo normal e não como algo imposto de maneira sistemática, visto como obrigação de governantes e/ou responsáveis.

Com base nas respostas dadas pelas professoras, vemos que a inclusão é vista como ponto principal para aceitação, destacamos 3 (três) professoras que reafirma que a inclusão é aceitação, respeitar as diferenças e ter acessibilidade garantida. Portanto, deve-se usar uma metodologia que facilite entender a importância da educação inclusiva, criando novos paradigmas, que valorizem cada diferença, juntamente com a escola, que possa atuar com um olhar diferente em sala de aula como agentes facilitadores da aprendizagem.

Segundo Mantoan (2005):

Inclusão é a nossa capacidade de entender e receber o outro e, assim, ter o privilégio de conviver e compartilhar com pessoas diferentes de nós. A educação inclusiva acolhe todas as pessoas, sem exceção. É para o estudante com deficiência, física, para os que têm comportamento mental, para os superdotados, e para toda criança que é discriminada por qualquer outro motivo. Costumo dizer que estar junto é se aglomerar no cinema, no ônibus e até na sala de aula com pessoas que não conhecemos. Já inclusão é estar com, é interagir com outro. (MANTOAN apud SÁ et al, 2017, pg. 384)

Mantoan (apud SÁ et al, 2017) reafirma a importância da inclusão de como é importante conviver com pessoas diferentes de nos, pois só assim valorizamos e respeitamos a diferença. Independentemente qual seja a sua deficiência os professores estão ali para ajudar no seu desenvolvimento e acolher, esse é o papel do professor, ser o protagonista na vida dessas crianças.

Na análise dos resultados na questão número dois – **Q2: Como o professor (a) tem trabalhado a inclusão na sala de aula?**

Os professores responderam:

(Profª. 1)

“Com atividades planejadas e adaptadas, a fim de atender as necessidades específicas das crianças.”

(Profª. 2)

“No momento, na tenho nenhum aluno que necessite de uma educação especial.”

(Profª. 3)

“Tem trabalhado a inclusão analisando os porquês da sua ação, por isso sabe o que fazer para quem fazer e seleciona nos meios de concretizar a seu fazer.”

(Profª. 4)

“Com atenção, buscando dá oportunidades iguais a alunos normais e com deficiência.”

(Profª. 5)

“Através de atividades diversificadas onde todos possam interagir de maneira igualitária.”

(Profª. 6)

“De maneira dinâmica, ativa e participativa, deixando as pessoas (crianças) envolvidas a par dos ocorridos, com direitos e deveres iguais aos demais,”.

Acredito que cada professor tem como objetivo trabalhar como as contribuições de Vygotsky relacionadas a idéias das interações sociais, como fator significativo a cada criança,

maneira como cada docente tem trabalhado sua dinâmica em sala de aula, oferecendo a cada criança o poder de ter o desenvolvimento motores e sensoriais amplos, mas claro, sempre seguindo as adaptações e adequações necessárias ao espaço ao qual está inserido.

Os professores precisam aprender a trabalhar em colaboração, pois uma forma para que a Educação Inclusiva realmente aconteça é por meio do Ensino Colaborativo/ Bidocência, que pode ser definido como ação de parceria entre dois docentes, sendo um destes, especialista nas diversas áreas da educação especial/ inclusiva. (Silva et al, 2016, pg. 949).

Silva em sua análise ressalta que o professor possa ter por base pensar em formas de comunicação, ou seja, trabalhar em grupo favorece o aprendizado e destaca o desempenho do professor, como também da escola em geral, todos devem saber e colocar em prática o valor da inclusão.

Na análise da questão de número três – **Q3: : Como o professor (a) tem trabalhado a inclusão na sala de aula?**

As respostas foram:

(Profª.1)

“Sim. Primeiramente, entendendo as dificuldades e limitações de raciocínio e propondo atividades diversificadas.”

(Profª. 2)

“Não tenho.”

(Profª. 3)

“Sim. Sempre procurei trabalhar de forma muito lúdica, após detectar a deficiência do aluno.”

(Profª. 4)

“Já trabalhei com vários alunos com deficiência e nenhum igual, ou seja, as deficiências todas diferentes, alunos agressivos, parados demais, que nunca tinham frequentado a escola, enfim nem sempre se consegue que a inclusão ganhe sentido na sala de aula.”

(Profª. 5)

“Não tive.”

(Profª. 6)

“Sim. O aluno tem os mesmos direitos que todos os demais alunos, pois o mesmo tem que compreender, desde cedo que a sociedade lhe oferece desafios.”

Observamos que algumas professoras, não tiveram nenhum aluno com algum tipo de deficiência, outras que tiveram experiências, relataram. Onde podemos sempre comparar o imaginário ao concreto e frisando sempre a ajuda e o apoio de todos os aparatos especialistas e mecanismos que o amparam.

O professor deve ter consciência de sua importância como mediador e compreender que cada criança dentro de sala de aula se desenvolve, amadurece e aprende de forma particular, ou seja, atinge expectativas de aprendizagens únicas e que a todo tempo deve ser valorizada e estimulada a atingir níveis cada vez mais elevados. (SILVA et al, 2019, pg. 157)

Para Vygotsky (SILVA, 2019), o professor é a base para o desenvolvimento e a compreensão de cada criança, é deles a responsabilidade por cada passo avançado em direção à conquista e ao reconhecimento.

Com relação à questão de estudo numero quatro – **Q4: Como o professor (a) tem trabalhado a inclusão na sala de aula?**

As professoras responderam:

(Profª. 1)

“Não tenho curso específico na área de educação inclusiva, só curso superior.”

(Profª. 2)

“Tenho curso superior e estou cursando “Educação Inclusiva e Educação Especial no contexto Brasileiro” pela “Unieducar”.

(Profª. 3)

“Apenas no curso superior e melhor explorada com a convivência e a pratica.”

(Profª. 4)

“Infelizmente não fiz nenhum curso, apesar de ter especializações uma delas em psicopedagoga.”

(Profª. 5)

“Não, só no curso superior.”

(Profª. 6)

“Curso propriamente dito não. Apenas uma disciplina correspondente e inclusão no curso superior.”

Com base nas respostas podemos perceber a não existência de formação na educação inclusiva, apenas pelo intermédio do curso superior. Mas, a formação de professor é um preparo para lidar com todos os tipos de alunos, inclusive alunos com deficiência e só aprende a necessidade de cada um com a prática, não adianta ter formação em uma específica área e não saber como desenvolver seu papel.

Não ter sido formado para isso. É uma evidência de que a vida do docente é repleta de desafios, em uma sociedade que muda rapidamente, das formas aceitas para o chamado ‘respeito’ ao outro às contínuas novidades no campo da comunicação e das trocas de informações (BAPTISTA apud RODRIGUES et al, 2018, pg. 176).

Rodrigues (2018) reafirma a importância da prática do conhecimento e de experiências que cada professor deve possuir, como também, o respeito por cada um e a troca de informações, este é o mais importante. Escola sem professores capacitados é estar no meio do mar sem direção a seguir, e professores sem alunos é como estar à deriva sem rumo e sem oportunidade de exercer sua profissão.

Dando continuidade sobre a análise da questão de número cinco – **Q5: No curso superior, o mesmo habilitou deu suporte para trabalhar com pessoas com deficiência?**

As respostas foram:

(Profª. 1)

“O curso de pedagogia é um passo essencial para trabalhar com educação especial, em seguida fazer um a pós-graduação, com isso tornara mais apto a enfrentar os desafios.”

(Profª. 2)

“Não tenho lembrança.”

(Profª. 3)

“No curso superior não foi dado muito suporte nessa área de inclusão, pois o tema abordado rapidamente.”

(Profª. 4)

“Não.”

(Profª. 5)

“Não, só teoria mesmo.”

(Profª. 6)

“Acredito que dentro do possível sim; pois por meio de conhecimentos adquiridos por meio das aulas possibilidades surgiram para enfrentar os desafios enfrentados dentro da sala de aula.”

Baseando-se pelas respostas dadas pelas professoras podemos perceber que nenhum tipo de suporte foi oferecido pelo curso superior, mas o curso aborda à educação inclusiva, sendo que alguns professores não estão preparados para lidar com crianças especiais, por que sempre é um desafio a ser cumprido, por existir diferentes deficiências e o comportamento de cada um deles.

A garantia dentro das Universidades propõe um estudo que aborde no geral todas as temáticas, principalmente, a inclusão, um ponto que haja mais a união de todos e o entendimento do que seja a inclusão nas palavras de Mesquita (et al, 2019, pg. 03):

A universidade tem o papel de educar na construção de uma sociedade inclusiva e democrática. Os problemas sociais devem ser debatidos na universidade, que deve iniciar um diálogo de natureza ética em vez de limitar seu ensino apenas ao desenvolvimento de competências e habilidades.

Analisando as questões de número seis – **Q6: O professor (a) recebe algum suporte da escola? Se recebe por quais profissionais?**

Responderam:

(Profª.1)(Profª.2) (Profª.3) (Profª.4) (Profª.5) (Profª.6)

“Sim. Pelos gestores, supervisor, psicólogo, assistente social, sala de AEE e acompanhante educacional.”

Todas as respostas foram iguais, pois todas trabalham na mesma instituição de Ensino.

Observando as respostas de cada professora podemos ter a noção que a escola possui uma equipe pedagógica preparada para receber, crianças com alguma deficiência, podendo ter ajuda de pessoas preparadas para estar ali como psicólogo, pois muitos casos são diagnosticados por eles. Mas, por outro lado, nos questionamos se todas as outras escolas possuem essa equipe, com certeza não por falta de interesse de governantes tanto no Município como no Estado.

Em seu estudo de Silva (2018) ressalta:

Na inclusão educacional, torna-se necessário o envolvimento de todos os membros da equipe escolar no planejamento de ações e programas voltados à temática. Docentes, diretores e funcionários apresentam papéis específicos, mas precisam agir coletivamente para que a inclusão escolar seja efetivada nas escolas. (SILVA, 2018, pg.03).

Silva (2018) destaca que se torna necessário uma equipe pedagógica preparada e apta para ajudar no seu desempenho e necessidades específicas que cada criança possui.

Seguindo para próxima questão de número sete – **Q7: O professor (a) tem percebido se a família está presente nesse processo de inclusão?**

As repostas foram:

(Profª.1) (Profª.2)(Profª.3) (Profª.4) (Profª.5) (Profª.6)

“A família está presente no processo de inclusão, fator este que é muito importante para que haja uma aprendizagem mais significativa.”

Todas as professoras tiveram o mesmo objetivo de respostas.

A família dos alunos com necessidades especiais estar sempre presente no âmbito escolar, percebemos o interesse acompanhamento e a evolução no processo de aprendizagem, pois é de suma importância a família estar em parceria com a escola.

Como Oliveira (2018, pg. 14-15) fala em sua análise:

A escola deve utilizar todas as oportunidades de contato com os pais, para passar informações relevantes sobre seus objetivos, recursos, problemas e também sobre as questões pedagógicas. Só assim, a família irá se sentir comprometida com a melhoria da qualidade escolar e com o desenvolvimento de seu filho como ser humano.

No estudo de Oliveira (2018), observamos e temos noção o quão é importante a participação dos pais ou responsáveis, estar ali pronto para ajudar na questão de dúvidas, comportamentos e, muitas vezes, na parte de crise. A escola juntamente com a família é a base para o crescimento, superação e conquistas.

Diante da antepenúltima, seguimos analisando a questão de numero oito – **Q8: Na visão do professor (a) como se dá a participação da escola de uma forma geral, se a mesma estar preparada para atender essas crianças? Se não estiver qual seria as ferramentas necessárias para a inclusão?**

Suas conclusões foram:

(Profª. 1)

“A escola ainda não está suficientemente preparada para atender essas crianças. Fazer adaptações a materiais de estudo, brinquedos, entre outros profissionais para garantir o processo de ensino-aprendizagem e inclusão com qualidade.”

(Profª. 2)

“A escola possui crianças que necessita de atendimento especial, neste momento estar preparada para atender.”

(Profª. 3)

“Na minha visão algumas escolas ainda se encontram despreparadas para atender essas crianças, tanto no espaço físico, quanto na preparação dos professores.”

(Profª. 4)

“A inclusão está longe de ter e ser tratada com a devida atenção, porém a escola tem procurado atender todos os especiais, introduzir a família no processo de aprendizagem.”

(Profª. 5)

“Muitas escolas não estão preparadas; uma assistência técnica mais presente um espaço mais adaptado.”

(Profª. 6)

“A escola se apresenta preparada para o atendimento das crianças, mesmo que ainda necessite de reformas físicas em seu prédio, como por exemplo: rampas de acesso, pisos táteis, etc.”

Analisando as respostas, percebemos um pouco de falha que há dentro do âmbito escolar por reformas, como também por profissionais. Mas, olhando por outro lado vemos que escola pública não há recursos próprios e sim depende de órgãos públicos. A escola dispõe de profissionais capacitados, professores como também gestores, cada um com sua maneira de desempenhar seu papel, disposto a aprender e contribuir com a formação de todas as crianças, respeitando as diferenças de forma valorativa.

As principais barreiras relacionadas à escola seriam as concernentes à edificação e a utilização dos equipamentos escolares e aquelas referentes à comunicação e informação. Segundo Manzini, “É necessário ofertar às escolas as condições de acessibilidade em: edificações, meios de comunicação e informação e recursos didáticos” (MANZINI apud FIEGENBAUM, 2009, pg. 17).

Fiegenbaum (2009) completa que a escola para estar preparada a receber essas crianças precisa de além de reformas como condições de ir e vim sem obstáculos a passar, como material didático que seja propício a cada necessidade, e acima de tudo a comunicação.

Na penúltima questão analisamos a alternativa nove – **Q9: O professor (a) acredita que a não aceitação por outros alunos, podem estar relacionada diretamente a fatores familiares?**

Respostas foram:

(Profª. 1)

“Infelizmente, vivemos em uma sociedade em que a desigualdade entre as pessoas do nosso país é um aspecto preocupante e que a família está diretamente ligada as atitudes comportamentais da criança.”

(Profª. 2)

“Talvez esteja relacionada a fatores familiares tendo em vista que os alunos e que precisam de uma educação especial.”

(Profª. 3)

“Acredito que não; hoje em dia as pessoas estão lendo mais a inclusão não está tão distante da realidade da muitas famílias.”

(Profª. 4)

“As turmas que trabalhei nunca excluíram um aluno com deficiência, apesar de todos agirem de forma diferente e nem sempre gostarem, mas não há preconceitos ou discussões.”

(Profª. 5)

“Não.”

(Profª. 6)

“Em minha opinião, sem sombra de dúvida, sim!”

Percebemos com os relatos das professoras que as crianças dentro do contexto escolar, refletem ações e atitudes que lhes são repassadas em casa, por meio de seus pais e/ou responsáveis. Dessa forma, é no convívio familiar que lições de amor, fraternidade e igualdade devem ser transmitidas, por isso temos que lutar para termos uma sociedade com respeito a todos.

Como diz Nunes (et al, 2015, pg. 115) “[...] as famílias têm diferentes reações às diferenças”. De acordo com as premissas de Nunes percebemos que algumas reações referentes às famílias podem citar o preconceito transmitido aos seus filhos que, por muitas vezes, frequentam a mesma escola e sala de aula, sendo exposto no âmbito escolar o seu preconceito, como não aceitar sentar perto, dividir o lanche, conversar, brincar e ajudar. Tornando uma criança preconceituosa desde cedo.

Chegamos à última questão de número dez – **Q10: Quais dificuldades encontradas pelo professor (a) em relação à inclusão?**

Suas conclusões foram as seguintes:

(Profª. 1)

“As dificuldades encontradas são as estruturas físicas não adaptadas a diversas limitações, sala de aula lotada e falta de formação específica na área de educação inclusiva.”

(Profª. 2)

“Falta de políticas públicas no atendimento especializado no ensino regular; profissionais capacitados que atendam as demandas individuais de cada aluno.”

(Profª. 3)

“A dificuldade que encontrei como professora foi por falta de apoio pedagógico, em estar mais aberto a determinados assuntos e reações.”

(Profª. 4)

“Vários tipos de deficiência, ausência de laudos, relatório de profissionais como psicólogo ou neuropsicólogo, como também pouco material didático para ser usado com eles.”

(Profª. 5)

“A aceitação dos familiares.”

(Profª. 6)

“De lidar com o novo, com o diferente, a insegurança com os instrumentos pedagógicos destinados á inclusão, a aceitação da criança e da própria família em mergulhar nesse universo tão diverso, colorido e sensacional que é a escola.”

É explícito como muitos professores tem medo do termo inclusão, muitas vezes sem ter a participação da família e da escola fica complicado ensinar. Grupos pedagógicos precisam dar mais subsídios para ampliar o entendimento do professor quanto à inclusão.

A busca pela formação continuada deve ser uma ação constante do profissional, independente da área de atuação. Esta deve estar consolidada na carreira e, por conseguinte, servir como mecanismo de qualificação profissional (FREITAS apud ROSA, 2018, pg.08).

Como a autora Rosa (2018) ressaltou em sua análise a procura pela formação e a persistência sempre é favorável e proporciona uma segurança e domínio para atuar em sala de aula com todas as crianças, principalmente com crianças com necessidades especiais. Ter professores capacitados gera conforto e alívio em pais e/ou responsáveis, como também na escola e até mesmo com a criança que pode se sentir segura dentro da sala.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação inclusiva vem agregando conhecimentos e se aperfeiçoando a cada ano, porque a lei direciona e impõe às escolas a atender essas crianças com uma equipe pedagógica preparada para desenvolver o seu conhecimento independentemente de qual seja sua deficiência. Esta conclusão se dá pelo trabalho onde afirma que a educação inclusiva é a busca por uma educação melhor, de mais qualidade e, principalmente, a inclusão no meio social. Por outro lado, a realidade brasileira com evidência de crianças com deficiência está aumentando, como foi mostrado anteriormente, isso se torna preocupante porque algumas escolas e professores não estão aptos a lidar e compreender as suas necessidades.

Porém, alguns professores relatam em suas respostas que a falta de inclusão se dar por desinteresse da família, da gestão pedagógica e, principalmente, pela falta de políticas públicas que não investem em escolas preparadas para atender este grupo alvo.

Portanto, podemos perceber que as maiores dificuldades encontradas pelos professores em relação à inclusão, foram à falta de informação, acompanhamento familiar, de aceitação por outros alunos, pela sociedade e pela comunidade, como também a falta de interação dessas crianças com outros alunos, e fazer com que eles participem dessas atividades, com objetivo de acontecer à socialização. A inclusão se torna visível quando tem um olhar diferenciado, portanto na maioria das escolas há a inclusão, outras buscam por esse direito mostrando como é grande a desigualdade social na esperança de almejar uma educação igualitária.

6. REFERÊNCIAS

- CARVALHO, R. E. Cartografia do trabalho docente na e para a educação inclusiva. **Revista Ambiente Educação**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 21-30, ago./dez. 2008. Disponível em: <http://publicacoes.unicid.edu.br/index.php/ambienteeducacao/article/viewFile/586/551> Acesso em: 18 de Nov 2019.
- FIEGENBAUM, J. **Acessibilidade no contexto escolar: tornando a inclusão possível** Universidade Federal do Rio Grande do Sul Programa de Pós - Graduação em educação Porto Alegre 2009. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/33297/000726075.pdf> Acesso em: 19 de Nov 2019.
- MACHADO, H. S.; BLAUTH, R. S. M. **Educação da Criança e do Adolescente com Deficiência: Uma análise a partir do censo Escolar do Último Quadriênio, de 2014 a 2017.**
- MARINHO, C.P.I **Educação inclusiva do aluno com necessidades especiais: desafios e perspectivas para os gestores.** (Curso de especialização em psicomotricidade clínica e escolar) Universidade federal do Rio Grande do Norte– UFRN 2018 Disponível em; https://monografias.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/7207/1/Educa%C3%A7%C3%A3o%20inclusiva%20do%20aluno%20com%20necessidades%20especiais_2018_TCC Acesso em: 18 de Nov 2019.
- MELO, S. **O Pedagogo e o desenvolvimento de crianças com Síndrome de Down na Educação Infantil** Universidade Caxias do Sul 2019. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/4932/TCC%20Scheila%20Severo%20Melo%20Amaral.pdf?sequence=1> Acesso em: 18 de Nov 2019.
- MESQUITA, R. M. A. B; BAPTISTA, R. J. T A concepção de docentes do curso de licenciatura em educação física: sobre o acesso e permanência da pessoa com deficiência no ensino superior. **Revista Educação Especial** | v. 32 | 2019 – Santa Maria Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/viewFile/35737/35737> Acesso em: 19 de Nov 2019.
- NOZI, G. S.; VITALIANO, C. R. Saberes Conceituais Necessários Aos Professores para a Educação Inclusiva. **Revista COCAR**, Belém. V.11. N.22, p.394a412–Jul./Dez. 2017 Programa de Pós-graduação Educação em Educação da UEPA ISSN: 2237-0315. Disponível em: <http://páginas.uepa.br/seer/index.php/> Acesso em: 18 de Nov 2019.
- NUNES, S. S. SAIA, L. A; TAVARES, E.R. **Educação Inclusiva: Artigo Entre a História, os Preconceitos, a Escola e a Família.** 2015. Disponível em; <http://dx.doi.org/10.1590/1982-3703001312014> Acesso em: 19 de Nov 2019.
- OLIVEIRA, B. R.; COELHO, J. I. F. Narrativa docente e formação de professores: um olhar sobre a gestão escolar a partir do Programa Nacional Escola de Gestores na Universidade Federal de Ouro Preto. Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri –UFVJM Minas Gerais –Brasil. **Revista Vozes dos Vales:** Publicações Acadêmicas Reg.: 120.2.095 – 2011 –UFVJMISSN: 2238-6424QUALIS/CAPES –LATINDEXNº. 13 –Ano VII –05/2018. Disponível em: <http://www.ufvjm.edu.br/vozes> Acesso em: 18 de Nov 2019.

OLIVEIRA, Q. A. N. interação entre escola e Família no processo de ensino e Aprendizagem da criança: Análise da revista Brasileira de Educação Especial (**Universidade Federal da Paraíba Licenciatura em Pedagogia**) João Pessoa 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/14172/1/MAQO19112018.pdf> Acesso em: 19 de Nov 2019.

PAIVA, A. J. **A INCLUSÃO ESCOLAR: um olhar sobre o aluno incluso em uma escola municipal de São Gotardo/MG**. Curso de Especialização em Gestão Pública (Universidade Federal de São João Del- Rei) 2018. Disponível em: <http://dspace.nead.ufsj.edu.br/trabalhospublicos/bitstream/handle/123456789/140/Tcc%20-%20Adriana%20%20Final%20normas.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 19 de Nov 2019.

RODRIGUES, G. F.; PASSERINO, L. M. Processos inclusivos, formação continuada de professores e educação profissional. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, v. 15, n. 41, 2018. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/188559/001085542.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 18 de Nov 2019.

ROSA, B. Dificuldades encontradas pelos professores no processo de Inclusão do aluno nas aulas de educação Física (Universidade Regional do nordeste do Estado do Rio Grande do sul) 2018 Curso de Educação física. Disponível em: <http://bibliodigital.unijui.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/5856/Bruna%20da%20Rosa.pdf?sequence=1> Acesso em: 19 de Nov 2019.

SÁ, A. L. et al. Aplicabilidade Da Tecnologia Assistiva Na Educação Inclusiva. **V Colóquio Interdisciplinar em Cognição e Linguagem**. Volume 1, Número 1, Artigo nº 34, Dezembro 2017 URL: PGCL-UENF | 380. Disponível em: <http://coloquio.srvroot.com/vcoloquio> Acesso em: 18 de Nov 2019.

SANGOI ANTUNES, H.; et al. Educação inclusiva e formação de professores: desafios e perspectivas a partir do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa Práxis Educativa (Brasil), vol. 11, núm. 1, enero-abril, 2016, pp. 171-198 Universidade Estadual de Ponta Grossa Ponta Grossa, Brasil Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=89442686009> Acesso em: 18 de Nov 2019.

SANTOS, A. L. B., et al. A Educação Inclusiva e a Relação com a Formação de professores. Graduada em Pedagogia, Mestre em Educação e Professora do Curso de Letras-Português da Universidade Tiradentes- UNIT 2019. <https://openrit.grupotiradentes.com/xmlui/bitstream/handle/set/2211/A%20EDUCA%C3%87%C3%83O%20INCLUSIVA%20E%20A%20RELA%C3%87%C3%83O%20COM%20A%20FORMA%C3%87%C3%83O%20DE%20PROFESSORES%20%28UNIT-SE%29.pdf?sequence=1> Acesso em: 18 de Nov 2019.

SILVA, F. L; SILVA, F. T; GRAÇA, B. A. S; SILVA, F. D; SOBRAL, O. P. M. **A inclusão de alunos com deficiência no ensino Fundamental 2. Um caso na cidade de Penedo- AL**. Disponível em: WWW.conedu.com.br Acesso em: 19 de Nov 2019.

SILVA, M. M ; NUNES, A. C; SOBRAL, C. S. M. A Inclusão Educacional de Alunos com Autismo: Desafios e Possibilidades. **Rev. Mult. Psic.** V.13, N. 43, p. 151-163,2019-ISSN

1981-1179 2019. Disponível em <http://idonline.emnuvens.com.br/id> Acesso em: 19 de Nov 2019.

SILVA, M. R **Educação Especial: Desafios e perspectivas dos professores do Colégio de aplicação da Univerdade Federal de Roraima** Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da Amazônia (Universidade federal da Paraíba de Roraima) 2019. Disponível em: <http://repositorio.ufrr.br:8080/jspui/bitstream/prefix/167/1/Educa%C3%A7%C3%A3o%20especial%3A%20desafios%20e%20perspectivas%20dos%20professores%20do%20Col%C3%A9gio%20de%20Aplica%C3%A7%C3%A3o%20da%20Universidade%20Federal%20de%20Roraima.pdf> Acesso em: 19 de Nov 2019.

SILVA, P.I **Formação/Capacitação Dos Professores na Educação Inclusiva história da educação inclusiva, conceitos e formação docente.** (Curso De Pedagogia – Modalidade à Distância) Universidade Federal da Paraíba Araruna 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/11900/1/IPS17082018.pdf> Acesso em: 18 de Nov 2019.

SILVA, S.S; CARNEIRO, C. U. R Inclusão escolar de alunos público-alvo da educação especial: como se dá o trabalho pedagógico do professor no ensino fundamental I? **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação.** V.11, n.esp.2, p.935-955, 2016.E-ISSN: 1982-5587 Disponível em: <https://dx.doi.org/10.21723/riaee.v11.esp2.p935-955> Acesso em: 19 de Nov 2019.

SILVEIRA, A. M. **Educação Inclusiva no Brasil. Cadernos da Fucamp**,v.18, n.33, p.126133/2019. Disponível em: <http://www.fucamp.edu.br/editora/index.php/cadernos/article/viewFile/1783/1163> Acesso em: 18 de Nov 2019.

APÊNDICE



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
MODALIDADE À DISTÂNCIA

QUESTIONÁRIOS

1-Como o professor (a) compreende a inclusão?

2-Como o professor (a) tem trabalhado a inclusão na sala de aula?

3-Como o professor (a) tem trabalhado a inclusão na sala de aula?

4-Como o professor (a) tem trabalhado a inclusão na sala de aula?

5-No curso superior, o mesmo habilitou deu suporte para trabalhar com pessoas com deficiência?

6- O professor (a) recebe algum suporte da escola? Se recebe por quais profissionais?

7- O professor (a) tem percebido se a família está presente nesse processo de inclusão?

8-Na visão do professor (a) como se da a participação da escola de uma forma geral, se a mesma estar preparada para atender essas crianças? Se não estiver qual seria as ferramentas necessárias para a inclusão?

9- O professor (a) acredita que a não aceitação por outros alunos, podem estar relacionada diretamente a fatores familiares?

10- Quais dificuldades encontradas pelo professor (a) em relação à inclusão?